

Documento

Carlos Guilherme Mota

Nem Princeton, nem Maputo

Desde a abertura política, a Universidade de São Paulo vem criando um modelo brasileiro de ensino e pesquisa

Leitores de diversos quadrantes escrevem indagando sobre o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo: o que faz, o que pretende, o que publica? Ou, como perguntava dois anos atrás o professor emérito Florestan Fernandes, ao pisar pela vez primeira em sua vida a Sala do Conselho da Universidade, da qual fora cassado em 1969, para a Conferência do Mês: “Avançado em quê é este Instituto?” No decorrer de sua exposição sobre os limites da revolução burguesa no Brasil, entendemos o sentido profundo do nosso IEA: representa ele um espaço aberto, uma fissura no modelo autocrático-burguês ainda em vigência no país.

A realidade é que o IEA-USP, inaugurado a 25 de agosto de 1986, tornou-se um fato irrecusável na vida nacional – e não só universitária. É um ponto de encontro de pesquisadores, jornalistas, políticos, intelectuais em geral, muito mais aberto que seus congêneres nacionais. E deve muito à iniciativa entusiasmada do físico e reitor José Goldemberg que, com visão de estadista, a 20 de fevereiro de 1986, logo após sua eleição, que significou a derrocada de toda uma concepção corporativa de universidade, constituiu uma comissão interdisciplinar de estudos para a criação de um Instituto de alto nível no seio da USP, recuperando o *espírito* da velha Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, mas adequando-o aos novos (nem tanto) tempos. Responsabilidade enorme, de vez que, em geral, todos os pesquisadores universitários cultivam uma escola ideal, *avançada*, em seu imaginário, quando não em seu próprio currículo (cf. debate com o historiador José Honório Rodrigues em 1978, publicado em *Tempo e Sociedade*, Vozes, 1986, p. 159). Demais, não se deve esquecer que o Institute for Advanced Study de Princeton foi criado para receber o exilado Albert Einstein, assim como o Colégio de México para absorver notáveis intelectuais escapados da Guerra Civil.

Ocorre que toda escola tem sua própria história. A oligárquica USP, após anos de trevas e, antes da posse do reitor Goldemberg, de uma estranha queima de arquivos, saindo de uma época em que muitos de seus professores ajudaram a

* Transcrito, com permissão do autor, do *Jornal do Brasil*, Caderno B/Especial de 25/9/88.

gerar o AI-5, a ideologia e as *técnicas* do milagre econômico, começou a abrir lentamente e a se reerguer. Nesse redescobrimto difícil, que passa pela avaliação e autocrítica, vários descompassos se revelaram entre os diversos setores: nas Humanidades, por exemplo, registra-se uma grave evasão escolar de nada menos de 40%, que obriga a uma revisão de todo o sistema universitário.

Mas também se descobre, ainda que dispersa e magoada, uma mentalidade universitária extremamente crítica e bem formada, embora muito mal paga, nos quadros da geração intermediária. Daí a evolução da idéia de um Instituto da USP: se, no fim dos anos 70, a proposta era a de criação de um organismo para recontratar os mestres cassados pela ditadura, já agora, após a anistia, o projeto se enriquece com o aproveitamento – sim – de ex-cassados fatigados pela burocracia universitária, porém ao lado de personalidades que jamais – por “falta de títulos” – puderam apresentar os frutos de seu labor intelectual, de seus saberes e fazeres nos quadros da Universidade. Muito menos em atividades trans ou multidisciplinares. Assim é que, ao lado de um sociólogo e escritor, Octavio Ianni, passou-se a encontrar na USP personalidades como o historiador Jacob Gorender, o jurista Raymundo Faoro ou o crítico e poeta José Paulo Paes – intelectuais de notável saber que nunca participaram da titulocracia imperante na Universidade brasileira, reduto dileto da pequena nobreza estamental-burocrática.

A necessidade de uma instituição ágil e desburocratizada que, no coração da USP, pudesse estimular essa nova respiração ganhou significativos e decisivos adeptos em todos os graus da hierarquia e também fora da Universidade. E assim a comissão de criação do IEA acolheu as várias sugestões críticas que, elaboradas, conduziram ao atual modelo *uspeano*.

Qual modelo? Nem tanto Princeton, nem só Maputo, nem muito Escola de Altos Estudos de Paris. Talvez o modelo de Berlim, banhado no estilo da Casa de Las Américas e do Wilson Center... Um modelo paulistano, enfim. Defendendo a escola pública (fornecendo subsídios para nossos constituintes), combatendo a titulocracia e oferecendo melhores condições de trabalho para os pesquisadores convidados, o IEA não promove cursos nem dá títulos (mestre, doutor). Por meio de convites a pesquisadores e professores de notável saber, nacionais e internacionais, o Instituto vem adensando algumas áreas escolhidas como prioritárias: “Biologia molecular” (coordenador: Gerhard Malnic), “Economia e política” (coordenador: Paul Singer), “História, ideologia, mentalidades” (coordenadores: Alfredo Bosi e Carlos Guilherme Mota) e “Ciências ambientais” (coordenadores: J. Tundisi e Aziz Ab’Saber). Essas as ênfases principais que determinam as linhas básicas de atuação, definidas pelo Conselho Diretor Interdisciplinar, composto de seis membros (dois escolhidos pelo reitor, dois pelo Conselho Universitário e dois pelo próprio Conselho Diretor do IEA; um a dois membros devem ser externos à USP).

Também os Grupos de Estudos são importantes, pois alimentam a discussão substantiva do Instituto, acolhendo visitantes internacionais e nacionais e ajudando a fixar o horizonte intelectual dos cerca de oitenta pesquisadores de alto nível que hoje compõem o que denominamos de “Senado invisível” – entidade não-regulamentada mas que, com altíssimo poder de crítica, seleção e auto-avaliação, define os caminhos do IEA. Entre tais Grupos de Estudos, destaquem-se, a título de exemplo, os de “Política científica e tecnológica” (coordenador: Gerhard Malnic), “Biotecnologia” (coordenador: Hernán Chaimovich), “O psíquico nos campos do social” (coordenador: Norberto

Abreu e Silva Neto, orientador: Bento Prado Júnior) e sobre “A questão urbana” (coordenadores: Nestor Goulart, Celso Lamparelli e Milton Santos). E registrem-se grupos conjunturais de trabalho, como “A Constituinte e o ensino público no Brasil” (coordenador: Alfredo Bosi) e “Museus e coleções da USP” (coordenadora: Ana Mae Barbosa).

O objetivo geral é o de estimular pesquisas e atividades que intensifiquem contatos de pesquisadores docentes e alunos da Universidade com as correntes intelectuais mais significativas de nosso tempo, do País e do Exterior. E que propiciem maior ligação da Universidade com a sociedade. Para tanto, convidam-se personalidades como John K. Galbraith, ou Raymundo Faoro (que, apresentado por Antonio Candido, pronunciou a conferência inaugural, mais do que simbólica), Paulo Autran ou Leopoldo de Meis, para falarem à comunidade sobre suas especialidades, na sala do Conselho Universitário – até então fechado ao público em geral.

O Instituto oferece estágios, junto aos seus Grupos de Pesquisa, por período determinado, a pesquisadores e docentes da USP e outros produtores culturais do Brasil e do Exterior, para a realização de atividades que resultem em obra original. A versão recente em português de poesias de William Carlos Williams, produzida pelo poeta José Paulo Paes é exemplo disso, bem como as reflexões do físico Bernard Feld sobre a energia nuclear, ou as do matemático Jean-Louis Koszul sobre o Grupo Bourbaki, ou as do instigante Hans Joaquim Koellreutter sobre música contemporânea. Ao lado das conferências de Antonio Candido, Franginals, Ferro, Galbraith, Goldemberg, Hill, Morse, Vovelle, entre outros – todas gravadas em vídeo – o IEA publica a revista **estudos AVANÇADOS** (já em seu número 4) e promove uma série de simpósios, como o “Democratizando a economia: discursos e práxis”, com o Wilson Center, de Washington; ou “Interpretações contemporâneas da América Latina”, organizado pelo prof. Octavio Ianni; ou “USP: conceito de universidade”, sobre a avaliação, necessária e polêmica. Dentro em breve, realizar-se-ão dois seminários importantes: um sobre “Os militares e a questão nacional” e outro sobre “O Brasil e a ordem econômica internacional”.

Como a inserção no mundo contemporâneo – a preocupação com a nossa modernidade perdida – é fundamental, o Instituto participa de convênios com a École des Hautes Études (Paris), com a Casa de las Américas (Havana) e com o Woodrow Wilson Center, entre outros, e faz parte, por intermédio do vice-diretor e biólogo Gerhard Malnic, da Federação Internacional de Institutos de Estudos Avançados.

Ressalte-se, finalmente, que o IEA procura não duplicar funções já existentes no interior da USP. Combina, em seus programas, não só experiências de disciplinas diversas, mas também de pesquisadores de *gerações* distintas – independentemente de títulos. O único título requerido é o talento, e alguma preocupação com o papel dos intelectuais e da universidade na construção de uma nova sociedade civil democrática neste país.

O Instituto não possui grandes bibliotecas, laboratórios ou orquestra. Uma sólida porém modesta biblioteca de referência vem sendo criada pelo prof. Aziz Ab’Saber, e um bem-cuidado Gabinete de Leitura José Honório Rodrigues, voltado para o estudo da Questão Nacional, está sendo instalado na Praça Central da USP, na sede do IEA, aberta a todos.

No mais, no desenvolvimento de nossas atividades, cultivamos as palavras (além da ironia) de Machado de Assis: “A dispersão não lhes tira a unidade, nem a inquietude e constância”.